

Renovação

2/



Renovação

REVISTA QUINZENAL DE ARTE, LITERATURA E ACTUALIDADES

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MÊS

Director: *Gonçalves Vidal* * Editor: *Alexandre de Assis* * Propriedade da Secção Editorial de: *A BATALHA*

Officinas de composição e impressão: *Imprensa Beleza — R. da Rosa, 99 a 197*

Redacção e Administração: *Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa*

Telefone: *Trindade 5.39*

SUMARIO do numero anterior:

Renovação — editorial; **80.º de analfabetos!** — por *E. F.*;
A caminho da terra da promessa — por *Mário Domingues*;
Hereje — soneto de *Bento Faria*; **A exposição das artes decorativas** — A representação da Republica dos Soviets — O edificio Inter-Corporativo e a sua galeria das profissões (com gravuras); **O luto-convenção** — O pezar atravez dos tempos e dos povos — O povo e a mentira do luto — O medo da morte; **Uma dança** — poesia de *Augusto Pinto*; **Ante os porticos do estio** — Lutemos pelas ferias dos que trabalham — por *Ferreira de Castro*, (com gravuras); **A pedagogia do encanto** — Da alegria de viver; **Soterrados** — Novela social por *Eduardo Frias*, com ilustrações de *Rocha Vieira*; **O mundo curioso; Actualidades:** — Olga Kameneff — Busto de Saint-Simon — O monumento a Jules Guesde — Camilo Flamarión — A Condessa de Tolstoi artista de cinema — Ultimo retrato do pintor Jean Styka e dois dos seus quadros — O monumento aos Martires de Chicago; **Capa** — O mundo novo, desenho de *Alonso*; **Hors-texte** — Alvorada!

Ano I — Numero 2

Lisboa, 15 de Julho de 1925

Renovação

O PRECONCEITO DA VIRGINDADE

A mulher livre — O matriarcado — O principio da escravidão — O rebaixamento da mulher — O cristianismo, falso reabilitador da mulher — A virgindade, inútil pormenor anatómico — O desprezo pela virgindade entre os selvagens — A Idade Média e a mulher — A Grande Guerra e as liberdades femininas — O grunhir de Ca-tão — Liberdade!



O amanhecer das idades, entre as hor-das nómades da humanidade pri-meira — a mulher foi livre. Forte como o homem, igual a êle na luta, dispensava a sua protecção. Entregava-se, nas épocas próprias, ora a um ora a outro, escolhendo livremente o pai dos seus filhos. A promiscuidade, o cruzamento natural, eram a regra. Não havia acasala-

mentos duradouros, como não os há nas outras espécies, pois o ser humano não era — nem é, por muito que lhe pese — uma excepção na natureza.

Daf a supremacia que a mulher chegou a conquistar, mantendo durante séculos o regime da ginecocracia ou do matriarcado, regime que ainda subsiste entre algumas tribus selvagens da Africa, sobretudo na prática do direito de sucessão no poder, que não é atribuído aos filhos dos chefes das tribus, mas sim aos sobrinhos filhos das irmãs. É que a consanguinidade só é garantida pela mãe, nada se podendo, com segurança, dizer sobre a identidade do pai, em virtude das certas ou possíveis substituições de varão, que a mulher aceita. Este conceito, altamente judicioso, tem inteira aplicação mesmo entre os civilizados, pois, como notou Goethe, com elegante cinismo: a paternidade é, acima de tudo, «uma questão de confiança».

Na horda, vivendo nos ramos das árvores e no fundo das cavernas, a mulher procreava logo que fisiologica-mente se encontrava apta para isso. Os periodos da ges-tação e do aleitamento incapacitavam-na, porém, para acompanhar o macho na caça e na luta. Assim a fêmea entrou a perder o prestigio. Até que um dia um homem, o primeiro senhor, abusando do estado de enfraqueci-mento da fêmea, provocado por um parto, pela falta de treino na luta, a que obrigavam longos periodos de inac-ção, impoz a sua vontade á mulher no momento em que ela o ia abandonar, para seguir o seu destino mais o re-banho dos filhos. Atirando-a brutalmente para o fundo



da caverna e obrigando-a a ficar, êsse nosso antepassado criou a sociedade moderna, instituindo o casamento, a familia, o *clan* que depois havia de ser Estado, a divisão do trabalho, a domesticidade, a propriedade privada, o di-reito da força. E criou tambem a escravidão. A mulher foi a primeira escrava e tam remota e funda é a tradição dêsse estado, que ela ainda hoje é escrava, verdadeira-mente a unica escrava.

Se definirmos a escravidão pelo conceito de Aristó-teles, na sua «Politica», «o que trabalha para um homem é escravo; o que trabalha para o público é artifice ou jor-naleiro», temos de reconhecer como Stuart Mill que «o matrimónio é a única e verdadeira servidão que a lei re-conhece».

Na transição para o regime do patriarcado, para o *clan* já organizado, a mulher não é ainda objecto de cubi

ça. Abunda. Superabunda mesmo. E' um empecilho até. Já não Juta. Para satisfazer as rudimentares necessidades do homem primitivo, as conveniências de deslocação da tribo, ha mulheres de mais. E eliminam-se os recém-nascidos do sexo feminino, seleccionando-os.

E a fema rarêa. E' então que, no inicio da barbarie, começa a mulher a constituir bôa prêsã; dão-se os raptos colectivos e quem possui uma mulher, só a cede a custo de sangue ou de haveres. Começam os zelos, mas não melhora a condição da fêmea, agora mais escravizada ainda, oculta, disfarçada, vigiada, para que a não — cubicem.

O acasalamento subsiste; mas como possuir mulheres é amealhar bens, há os que querem e podem ter muitas para seu gozo e vaidosa exhibição, e a promiscuidade primitiva, natural, é substituída pela poligamia, que hoje persiste nas leis, no Oriente; nos costumes, no Ocidente. Possuir muitas escravas é, cá e lá, índice de grandes tês. E cada vez mais a condição da mulher se avilta.

Com o advento das civilizações no Oriente: na Índia, na Persia, na Assiria, na Judea, no Egipto, na Grécia, a mulher pareceu readquirir um pouco do seu antigo prestigio. Restabeleceu-se a poliandria, com um caracter ritual, sagrado. Mas se algumas mulheres obtiveram pelo Amôr a alforria — as cortezãs, as hetêiras, as sacerdotizas dos cultos fálicos — a grande massa feminina permaneceu na escravidão do lar, inculta, mal trajada, vivendo para a domesticidade, e nem sequer para os caprichos do dono, que se comprazia em sacrificar só ao Amôr nos braços das mulheres públicas, ou, o que ainda era mais freqüente, nos dos efebos.

O deslocar da civilização para o Ocidente, não melhorou a condição da mulher. Roma adaptava facilmente os costumes dos povos que submetia e copiou da Grécia tudo quanto poudo. Só na decadência do Império, começaram a ser reconhecidos ás mulheres, a algumas mulheres, certos direitos, o de herdar, por exemplo. Deixaram as matronas de ser escravas, mas ficaram sempre tuteladas, como ainda hoje o são.

O cristianismo ufana-se de ter libertado a mulher. E' uma mistificação, uma mentira que nem sequer é piedosa. Divisou é certo uma mulher, mas cobriu de sarcasmos e de desprezo as outras. Cristo detestava-as e nunca teve com elas comércio e à própria mãe apostrofou: «Mulher! que há de comum entre mim e ti?!» Paulo, o Apóstolo, verdadeiro fundador do cristianismo, condenou o matrimónio e afirmou, por exemplo, na sua Epístola aos Efesios: «O homem é dono da mulher, como Cristo é a cabeça da Igreja». Todos os Padres da Igreja são unânimes em votar ao desprezo a mulher: Tertuliano, que lhe chama «porta do inferno»; Jerónimo que afirma que «o matrimónio é sempre uma falta»; Origenes que se mutila para não ter relações com mulheres, e considera o matrimónio «coisa ímpia e impura», e Agostinho de Hipona, Eusebio, Crisóstomo, todos condenaram a mulher como coisa ímunda e pecaminosa, e só no século VI desta éra, um Concílio definiu, aliás por pequena maioria, que a mulher era um ser humano, e tinha alma...

No transcurso dos séculos, a mulher, considerada coisa, propriedade do homem, nunca viu atribuirem grande importância a isso que se convencionou chamar a sua

virgindade e que muitos tomam como sinónimo de honra.

Pormenor anatómico que necessariamente passava despercebido aos nossos avós bárbaros, durante muito tempo ninguém acreditou na sua existência e até quasi aos nossos dias, homens como Buffon, Ambroise Paré, Greef, etc., recusavam-se a admitir que existiria. Na verdade, aquilo que se convencionou reconhecer como marca ou selo da virgindade feminina, é tam diverso de individuo para individuo, tem formas, contexturas e propriedades tam diferentes, que attribuir-lhe uma importância fundamental é cometer o absurdo de generalizar um único caso conhecido. Há individuos em que a membrana himenal é inexistente ou reduzida a carunculas pouco perceptíveis ou ainda sofreu uma rutura, sem que essa rutura provenha das relações normais dos sexos; há outros em que a elasticidade da referida membrana, a dilatação sistemática do orificio destinado à natural expulsão das segregações interiores, permitem aquilo que a Igreja definiu como o «mistério da encarnação» e a Teologia esclareceu dizendo tratar-se dum fenómeno semelhante ao da passagem dum raio de sol atravez duma vidraça.

Inconsistente portanto a prova da virgindade, só muito recentemente se começou o attribuir-lhe algum valor, valor que o bom-senso e os conhecimentos scientificos vão reduzindo às verdadeiras proporções de simples indicio, de vaga hipótese.

Foi a prostituição sagrada da Babilónia que começou a attribuir importância às primicias do amôr da mulher, votando-as a Milita. Até então ninguém se interessava por isso, e ainda hoje entre certas tribus da Africa e da Oceânia, consideram-na, logicamente, uma massada. Dessa massada se desempenham em regra os sacerdotes, os sacrificadores, e havia até nas Filipinas um funcionário público, espécie de carrasco, a quem o desfloramento das jóvens era cometido. Em certos povos é considerada coisa indigna casar com uma mulher virgem e entre os lapões são preferidas as mulheres que já tiveram relações sexuais com estrangeiros.

Esta é a importância que os nossos irmãos bárbaros, que conservam os costumes dos nossos antepassados, attribuem à virgindade feminina. A civilização tem-nos ensinado, porém, a considerá-la e hoje na Africa faz-se com ela já bom negócio, tal como na Europa e nas Américas. E o direito de hospitalidade, que os germanos praticavam muito e na Africa ainda há bem pouco se praticava, começa a desaparecer.

Coisa sem importância, o pormenor anatómico de nenhuma utilidade ou interesse, que se as fêmeas viessem ao mundo sem êle, nenhuma falta faria, o cristianismo e a Idade Média elevaram-na à categoria de único estalão por onde se afeie a dignidade da mulher. E o preconceito subsistiu até aos nossos dias, embora comece a ser muito atenuado.

Os costumes que a Idade Média criou a êsse respeito são dos mais afrontosos para a mulher; desde a infibulação ao direito de pernada, do cinto de castidade ao *jus primae noctis*.

A escrava a tudo se sujeitou, paciente, resignada, ignorante. A Cavalaria com as Côrtes de Amôr e o «Serviço do Amôr» pretendeu, dizem, adoçar os costumes. A porção de egoismo que a Cavalaria punha nisso poderiam dizê-lo as donas e donzelas dêsse tempo.

A Renascença suavizou os costumes mas não livrou a mulher do preconceito; a Revolução Francesa proclamou os direitos do homem e do cidadão, mas manteve a mulher serva, tutelada, oprimida pela lei e pela moral dominante.

Só a Grande Guerra parece ter produzido uma certa revolução nos costumes. Há toda uma literatura em defesa da liberdade de amar, para a mulher. O conceito da virgindade atenua-se, começa a desaparecer. Na França, a mulher dá-se áquele que preferir, virgem ou não, tendo o cuidado de acentuar que não é uma profissional do Amôr, repudiando a paga que avilta e só visando ao prazer de amar livremente. Na Alemanha sucede o mesmo, talvez com maior freqüência, ainda que com outro objectivo principal — procrear.

Catão de côco e rabona que lê estas linhas, à cata do pormenor libidinoso, pois a tua inferioridade mental não admite que se fale naturalmente das coisas naturais — não chames a isso — prostituição. Prostituição é o da tua «virtuosa esposa» que se aluga ao teu melhor amigo para obter o emprego ou a concessão que te convém, a assinatura na letra de quê precisas, ou o vestido que não lhe podes dar. Prostituição é a das tuas filhas, a quem andas negociando a aparente virgindade, por um dote ou por situação que satisfaçam a tua ambição e a tua vaidade. Prostituição é tudo isso que para aí fermenta nos costumes e nas leis, na religião e na sociedade.

A escrava eterna, a que foi «escrava antes que honvesse escravos», no dizer de Bebel, vai libertar-se. Vai renascer para o Amôr triunfante. Começa a reconhecer-se que a honra duma mulher não reside, não pôde residir, num pormenor anatómico, numa vaga membrana de inútil função fisiológica. A honra, tanto para a mulher como para o homem, está na lealdade, no respeito pelos compromissos livremente tomados, na inteireza de caracter. Está, principalmente, para a mulher na nobreza como exerce as funções maternas. Está no espirito, não no corpo.

Ah! a infinita piedade com que contemplamos as virgens, estuantes de vida, ansiosas por conhecer os mistérios do Amôr, acorrentadas ao preconceito da virgindade, duma virgindade que o primeiro marchante inutiliza, numa sanguinária fúria, a troco da burla do casamento.

A falta de educação sexual, a separação dos sexos nas escolas, permitem que se avolumem preconceitos da nosos, para a vida da espécie. Urge rasgar a golpes de verdade, de sinceridade, o véu dos prejuizos.

Que cada um escolha livremente o seu par, no momento em que isso lhe seja indicado pela natureza. Nada de falsos pudores, ante a função mais nobre da vida.

Cristo aconselhou que se desse a Cesar o que era de Cesar; não neguemos à mulher de Cesar o que ela pede nem a censuremos por isso.

OS SANTOS REVOLTADOS

DE ROCHA MARTINS



em 30 de Setembro, quando ao longo dos vinhedos se ajujam os últimos cabaseiros e já nos lagares há pisadores de pernas roxas pelo mosto, que a Igreja celebra São Jeronimo, nado na Dalmacia, homem cheio de fé e de vigor antes de ser santo pleno de autoridade e ardência, o autor da tradução da Biblia conhecida por *Vulgata*.

A sua alma enchia-se de indignações extravasadas em violências que a não brotarem dos lábios do *Pai da Igreja Latina* se julgariam o fruto terrível duma bôca peccadora a excitar a guerra contra o mundo dos opulentos.

No ano 331, quando ocupava a cadeira de S. Pedro, o papa que devia ser São Vicente, o primeiro que ergueu a tiara, ia morrer em Bethem, no logar santo, o singularissimo propagandeador das revoltas contra os possuidores da fortuna agrária, aquelle que Proudhon, tão celebrado, decerto copiou. E' que Jeronimo soltára esta trovejante apóstrofe:

«A opulência é sempre o produto dum roubo; se não foi praticado pelo proprietário actual foi cometido pelos seus antepassados.»

E com semelhantes opiniões, entre as palmas e as glórias e teorias celestiais d'arcangjos, o inimigo dos opulentos entrou na santidade, penetrou no celeste Pantheon e rola no calendario nêsse Setembro ensolhado das últimas vindimas.

Não ficaram sem seguimento seus sentidos e revolucionários dizeres. Nove anos depois nasceu em Treves uma creança que dá a cinco lustros seria um exemplo de energia na defeza de seus principios, escritor cheio de doçura e de elevação. Chamava-se Ambrosio, sentou-se no prelatício banco de Milão e encarou de frente os grandes, os poderosos, os senhores.

O imperador Theodosio, o Grande, distribuira largos territórios aos godos vencidos mas mandára massacrar os povos revoltados em Thessalonica, e, então, quando o monarca, revestido das suas insignias, sequitado por pomposos guerreiros ia a pisar o degrau da igreja, o bispo fazendo do seu báculo o escudo do seu horror ao sangue derramado dos rebeldes, mandou-o afastar como uma

ovelha gafa. Rubens, num quadro cheio do seu colorido e Van Dyck, na sua tonalidade delicada pintaram essa acção ousada dum justo contra um tirano. E justo se lhe pôde chamar porque em dezembro, a 7, quando cae a neve e os lobos rondam os apriscos, a Igreja celebra mais este santo que soltou a seguinte imprecação:

«A terra foi dada em comum aos ricos e aos pobres. Ó ricos, porque vos julgais, só vós, os senhores da propriedade?»

Assim com suas idéas, ou antes com seus ideais, clara e abertamente expostos, este Santo que figura nos altares, é adorado, recebe incenso e votos, julgava o que entrevia como a injustiça humana.

Mas Basílio, *Pai da Igreja Grega*, bispo de Cesarea, autor dos *Panegyricos* e das *Homelias*, douto, sábio, moralista, poz em sua doutrina maior clamor ao defrontar as grandes opulências:

«Cobris de tapeçarias a nudez das vossas paredes mas não cobris de vestes a nudez do vosso semelhante. Tapais os vossos cavalos com preciosas e finas cobertas e desprezaís os vossos irmãos revestidos de farrapos!»

Um homem que falava assim, um escritor de modos altivos e pena inclemente poderia ocupar altos cargos na Igreja mas duvidarão — os ricos sobretudo — que um concílio o elevasse á santidade.

E' um continuador de Jeronimo e em junho, a 14, quando as crias das aves ensaiam suas asitas, festeja-se esse Basílio que se finou quando reinava na Curia, Damaso, o português bondoso que conhecera o dalmata condenador dos ricos.

Não se extinguem, porém, as vozes dos que, segundo a Igreja, vivem no empirio, os que se voltassem á terra não compreenderiam como tantos séculos depois de suas palávras fustigantes terem soado, ainda há quem acoime de rebeldes, de inimigos da sociedade, os que repetem seus dizeres.

Um dos doze Apóstolos, S. Thiago, se não foi mais além em seus juizos condenatórios dos millionários, também não se coíbiu de os julgar, e esse, muito antes de se terem levantado como um bando de aguias as frases dos doutos prelados.

«A vós agora, ricos — bradava êle — Choraí e gemei por causa das desgraças que vos aguardam. As vossas riquezas estão pôdres, as vossas vestes estão manchadas pela tinta. O vosso ouro e a vossa prata criam ferrugem e ela crescerá e será o testemunho contra vós e devorará as vossas carnes como fogo. Tendes amontoado tesouros nos últimos tempos mas tendes cerceado o salário dos trabalhadores que ceifaram os vossos campos, e os gritos dos segadores chegaram aos ouvidos do Senhor. Vivestes na terra nas voluptuosidades e nas delícias; tendes cevado os vossos corações na carnagem. Condenastes e matastes o justo que não vos resistiu.»

São frases de incendiário estas que São Thiago pronunciou antes de o erguerem á Santidade, pois morreu lapidado por ordem do Synhedrio aquele que seria consagrado no calendario no 1.º de Maio, mês das rosas e das reivindicações sociais, da festa pagã das flôres, de Maria e dos Proletários, daqueles que ao increparem os ricos

são condenados e dos ceifeiros, cujos salários — como dizia o Justo — foram cerceados.

Pela história fóra, nas lutas capitais, há sempre instigadores, como estes Santos instalados em seus altares, e que por suas audácias e palavras de justiça, soírem na vida as torturas mas recolhem a consagração.

Há em todos aqueies dizeres a rebeldia contra o Mal do Ouro, a síntese revoltada, cifrada num axioma: E' que o grande rico é como o anafado porco que fossa em todas as imundícies para crear gorduras supérfluas.

Se dos lábios dos doutores não rebôa tal conceito é ele o que em todas as suas frases aos grandes dirigidas palpita e esvoaça como uma bandeira rebelde escondida na pompa das catedrais.

E as vidas de martírio que os santificados passaram e as palavras ainda mais contundentes, que os canonisados atiraram aos felizes da terra, aos desdenhosos das torturas alheias?!

Quando se medita com os maiores Santos da Igreja compreende-se a que frase êles foram inspirar-se para prégarem o que, aos olhos do mundo de então, como do actual, não passavam de enormes revoltas e de esperanças numa era de justiça. Tinham bebido essas leis na própria bôca de Jesus, tornada divina:

«Desgraçados dos que estão saciados porque êles terão fome, desventurados dos que riem porque cairão nas dôres e nas lágrimas.»

Por vezes parece irealizar-se o vaticínio mas os mundanais ávidos de gosos, mesmo os que praticam na Igreja, parecem esquecidos do Divino Mestre, dos Apóstolos, dos Santos, pois se profundassem seus dizeres tratá-los-iam como os dominadores do passado sentindo nêsses reformadores a semente rebelde voando de seus lábios para os dos rebeldes de hoje.

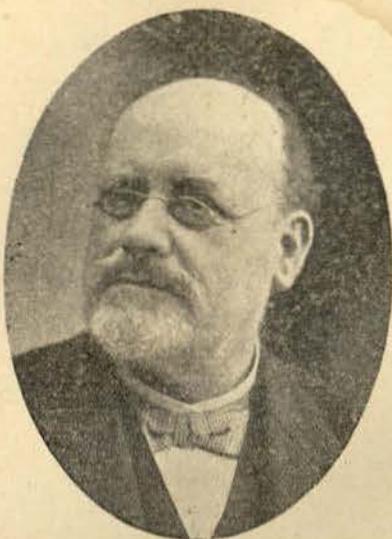
Chateaubriand, porém avisara-os, numa profecia insuspeita vinda do grande autor do *Génio do Cristianismo*

«A sociedade tal como é hoje não existirá. A' medida que a instrução se propaga nas camadas inferiores estas descobrem a chaga secreta que corroe a ordem social desde o começo do mundo, chaga que é a causa de todas as doenças e de todas as agitações populares. A grande desigualdade das condições e das fortunas pôde-se suportar emquanto se escondeu dum lado na ignorância, do outro na organização ficticia da cidade mas logo que esta desigualdade fôr geralmente percebida, dar-se-á o golpe mortal.»

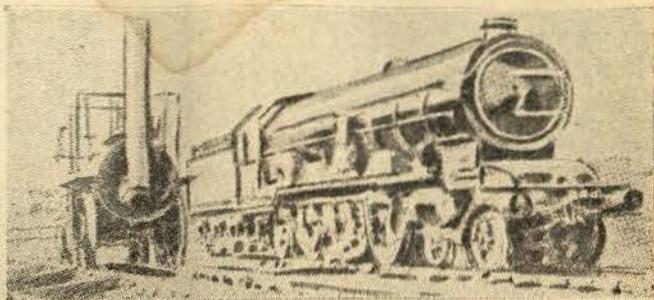
Vários escritores teem citado já aquelas frases dos santos e dos justos, evocado Chateaubriand, falado ás consciências dos ricos, e o mundo vae rolando sempre na mesma absurdez como se tudo fosse poeira e nada restasse do éo das palavras dos santos e dos mártires.

Rocho Mustis

(Do Hero *Flos Santorum Rebelde*, em preparação).



ACTUALIDADES



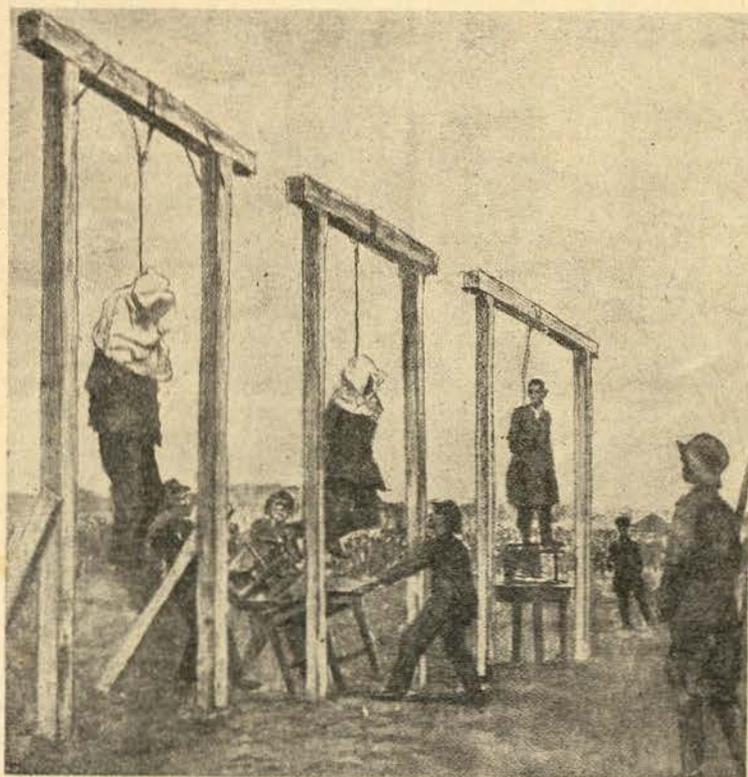
Celebrou-se este mez o centenario da primeira locomotiva. A primeira, uma inglesa, de Stephenson, data de 1825. A segunda, uma franceza, a de Marc Seguin, data de 1829. A terceira, construida nos Estados Unidos, data de 1831. A gravura mostra a locomotiva de Stephenson (1825) ao lado duma maquina de 1925.

O Centro Socialista de Lisboa celebrou no dia 5 o 14.º aniversario do falecimento de Azedo Gnecco que foi o fundador, em 1875, do Partido Socialista Português. Foi uma figura dentro do socialismo internacional pela sua cultura e pelas suas qualidades de organizador, jornalista e conferente. Sendo a civilização que encontramos obra das gerações anteriores, não se pode deixar de reconhecer que a Azedo Gnecco cabe uma parte do estado de adiantamento em que nos encontramos no campo revolucionario.

Depois de uma vida de lutas todas consagradas á sua classe, morreu, em Paris, com 60 anos, o operario padeiro Amédée Bousquet. Energico, probo e orador popular de grande eloquencia, o velho militante, ora falecido, foi o organisador da Federação franceza dos trabalhadores da alimentação. Foi preso vinte vezes e julgado oito. Foi companheiro de prisão de



Yvetot, Gohier, Almareyda, Hervé, Pouget, Griffuelhes e outros. Morreu pobre e justamente orgulhoso do seu cadastro—honroso atestado dos seus serviços á causa.



Durante as pomposas exequias officiais pela morte do chefe da policia, general Georgieff, responsavel pelos fuzilamentos e torturas aos elementos avancados, foi lançada uma bomba na catedral de Sofia matando 180 pessoas da aristocracia e da plutocracia bulgara. Acusados de terem participado nesse terrivel atentado, foram, agora, enforcados, Friedmann, Zadgroski e Koef. Gozaram o espectáculo trinta mil bondosas criaturas e o segundo condenado assistiu á execucao do primeiro, e o ultimo á dos seus dois companheiros.

PARA OS NOS-
SOS FILHOS

O COMPADRE SAPO



VIA perto dum ríacho um sapo que, por ter adquirido alguma fortuna, se julgava o mais opulento dos bichos.

Um dia resolveu casar-se e pôs êste anúncio: «O mais belo e rico dos animais desta região, pretende arranjar noiva muito bonita.» A primeira que apareceu foi a comadre sapa.

Tinha lido o anúncio, disse ela, e, como êles eram ainda parentes, pensara que não desagradasse ao compadre sapo, aquela união. Mas o compadre sapo que aspirava a noiva melhor, ficou muito indignado e respondeu:— «Pois a você meteu-se-lhe na cabeça que eu, um animal tão bonito e rico, ia casar com uma sapa pobre e feia? Eu, que posso até, se quizer, casar com princesas?»

A comadre sapa saiu dali muito vexada e triste, pois há muito gostava do compadre sapo.

A segunda noiva que apareceu, foi a comadre andorinha, mas logo que encarou com um bicho tão feio, perguntou muito zangada:— «Sabe voar?» E como o compadre sapo respondesse que não, a andorinha disse-lhe: «Pois não basta que você seja um animal tão repugnante, quanto mais não sabendo voar! Eu só casarei com aquêles que fôr por esses ares fóra, cortando elegantemente os ares e saiba construir o seu ninho nos beirais das casas». E foi-se embora, sem ao menos cumprimentar o compadre sapo.

Este, ficou um pouco aborrecido, mas depois pensou: «Para que me serviria uma mulher que andasse sempre a voar e nunca estivesse junto de mim? Deixá-la ir, que mulheres não me hão-de faltar». Em seguida apareceu a comadre borboleta. Ficou também surpreendida quando viu o compadre sapo, mas perguntou-lhe:— «O que sabes fazer?» E êle respondeu-lhe que nada. Então ela indignada disse-lhe: «Pois eu só casarei com aquêles que me acompanhe nos meus volteios pelo ar, indo de flôr em flôr, pousando até nas mais belas!» E voltou-lhe as costas. Nisto, muito apressada, entrou a comadre aranha. Mediu o compadre sapo da cabeça aos pés e perguntou-lhe o que sabia fazer. E como êle lhe respondesse da mesma maneira que à comadre borboleta, ela disse: «Pois não me serve um marido que não trabalhe. E deixei eu a teia em meio e vim perder o meu tempo com um idiota que só quer levar boa vida!» E sempre resmungando, afastou-se para ir continuar a teia interrompida.

Pouco depois veio a comadre abelha. Per-

guntou-lhe o que sabia fazer. E êle respondeu o mesmo que às outras. E ela disse-lhe então: «Pois não sabes fazer nada, imbecil e tólo bicho? Eu só casarei com aquêles que saiba ir colher o pólen das flôres para o transformar em delicioso mel». E como estava muito zangada, espetou o seu ferrão com toda a força no lombo do compadre sapo que ficou a berrar com dôres. Quando ficou só, escarnecido por todas, resolveu correr mundo em busca de noiva. Talvez as mulheres das outras regiões se apaixonem por mim, pensou êle.

Foi andando, andando, até que foi ter a um grande campo coberto de trigo. Pôde ser que aqui arranje o que quero, pensou êle. Nisto um grande gafanhoto que o vira, dirigiu-se-lhe perguntando-lhe o que o trazia por ali.

Compadre sapo contou-lhe a sua vida e quiz saber se ali não haveria alguma princesa que quizesse casar com êle. O gafanhoto que viu logo a vaidade do compadre sapo, quiz dar-lhe uma lição. Levou-o até sua casa, mostrou-lhe a mulher que era sua prima, e seus filhos. Fez-lhe ver como eram felizes. Depois levou-o a passear. Logo adiante, morava um casal de grilos que viviam muito contentes cantando a toda a hora. Um pouco mais longe, duas borboletas volteavam no ar, ora beijando-se, ora pousando numa ou noutra flôr. No meio do trigo, um casalito de pardais procurava com avidez alimento para os filhitos. Mesmo junto dêles, passavam duas formigas ajudando-se mutuamente no transporte duma palhinha. E ainda um outro casal de moscas espanejava-se ao sol, muito satisfeito. Então o gafanhoto, voltando-se para o compadre sapo, disse-lhe:— «Acabas de ver como todos êsses casais são perfeitos e felizes, porque cada um escolheu a sua companheira no meio a que pertencia, sem procurar nenhuma princesa ou rainha. Tu não viste uma formiga casada com uma borboleta ou uma andorinha com um gafanhoto. Procura pois, noiva entre os da tua espécie e deixa-te de sonhos loucos e vaidosos.»

Compadre sapo quando isto ouviu, ficou muito envergonhado e compreendeu a figura que andara fazendo. Voltou para a sua terra e casou com a comadre sapa que, apesar da maneira rude como êle a tinha tratado, continuava querendo-lhe bem. Foram muito felizes porque o compadre sapo nunca se esqueceu da lição que lhe dera o gafanhoto. Os imbecis e os vaidosos julgam-se sempre superiores aos outros. Mas tarde ou cedo, vem o dia em que lhes cai a venda dos olhos e compreendem então a pobre figura que fizeram.

Maria de Sotto-Mayor e Abreu

OS ARTISTAS E O TRABALHO



RIOU-SE a lenda de que o trabalho e os trabalhadores não forneciam assunto perene de beleza para obras de arte e de literatura. Os poetas temem passado o seu tempo a cantar os braços niveos das donzelas e os olhos tristes das raparigas neurasténicas. Os literatos gastam o seu talento na descrição dos ambientes requintados de lares de aristocratas atacados de *spleen* e de burguesas

extravagantes que não sabem onde empregar o dinheiro: os pintores fotografam as paisagens e os repólhos, retratam os banqueiros, os argentários e as *cocottes* elegantes, e os escultores modelam ainda sereias e gigantes da Fábula. O «atelier», a oficina, o movimento estonteante das grandes fabricas, os porões dos transatlânticos, a tragedia das minas subterraneas, o trabalho moderno, todo vertigem, inquietação, perigo e velocidade, esse não se presta, segundo a opinião duns senhores que pontificam em cousas de beleza e de emoção, para as grandes concepções artisticas. Não tem beleza.

Se há beleza no risco que correm dois contendores que, num duelo emocionante, disputam à ponta de espada a posse duma mulher que os seduz e arrasta à beira do abismo — porque não há de haver beleza também no arrojo dum operário que arrisca a vida, nem ele sabe por quem!, ao baloiçar-se sereno, indiferente à morte que o espreita, no alto dum andaime que oscila e treme ao sabor do vento?

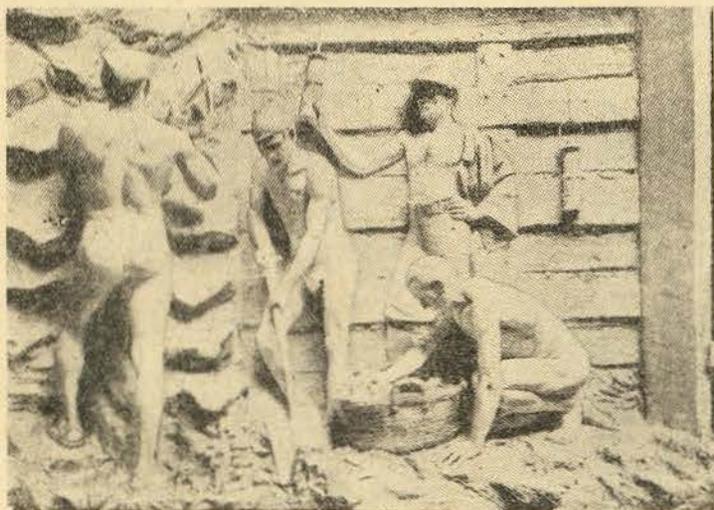
Se o *boudoir* duma cortezã, pleno de mil objectos de arte maravilhosa de Paris e do Oriente, envolta na

meia luz discreta da tarde moribunda, impregnado de estranhos perfumes que embriagam e estonteiam oferece encantos, porque não há de existir beleza também nas grandes oficinas em laboração, cujos maquinismos complicados — uns, doces como crianças, outros, ameaçadores e gigantescos — estonteiam com o seu ruído, como os perfumes requintados, e cujo movimento scélere e ofegante deslumbra e desorienta?

Felizmente, uma minoria de literatos e de artistas tem sabido encontrar beleza no Trabalho. Zola arrancou do Trabalho encantos que tantos outros negaram dogmaticamente. O escultor Meunier soube plastizar em belas figuras as atitudes mais belas dos trabalhadores. Os artistas e literatos russos souberam procurar no povo, nas lendas populares, nos conflitos sociais, na amargura dos escravos, a inspiração das suas partituras maravilhosas, da sua literatura riquissima e original, do seu teatro incomparavel.



Preparando-se para a luta, por Costa Mota, Sobrinho

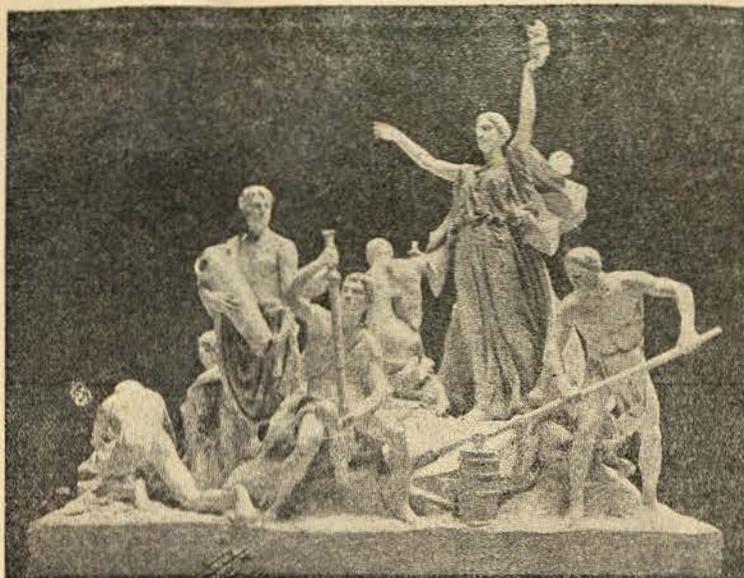


A mina de carvão — Alto relevo de Mateu Inurria

O escultor simbolizou com genio o trabalho titanico desses ciclopes da civilização moderna, que trabalham nós, quasi ás escuras, em constante perigo de morte nesses antros tenebrosos que são a gestação de todos os progressos civilizadores.

Dos artistas portuguezes, poucos são os que temem ido procurar ao assunto quasi inedito do Trabalho o motivo das suas obras de arte. Ocorre-nos neste momento citar o *Homem ao leme* do escultor Francisco dos Santos; o *Cavador*, de Costa Mota; o garoto de jornais da estatua de Eduardo Coelho; o quadro *Os Caldeireiros* de David Melo; *As engomadeiras* de Carlos Reis, os *Ferreiros* de Ribeiro Junior.

Isoladas manifestações indicam, no entanto, que o trabalho vai transformar-se no assunto dominante na arte e na literatura. E se o operário e a officina não encontram ainda nas exposições de pintura, nos entrecchos dos romances, nos livros de versos, o lugar de destaque que lhes está reservado é porque, infelizmente, o artista produz ainda para uma minoria endinheirada



História da Luz

e ociosa que deseja ver-se reproduzida e embelezada nas obras que compra.

À medida que a sociedade se vai transformando num sentido mais socialista, isto é, à medida que dentro dos regimes o Trabalho vai, na vida colectiva, assumindo maior importância do que o Capital, a Arte vai-se transformando num sentido mais popular, e como a característica mais notável no Povo é o seu Trabalho, a Arte procura no Trabalho suas fontes de beleza.

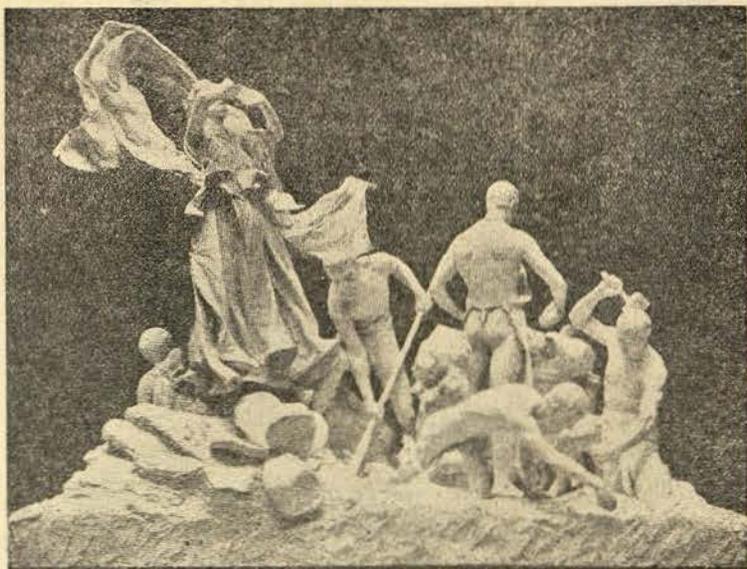
Na Exposição Internacional de Artes Decorativas agora patente em Paris, uma colecção de 14 estatuas simbolizando varias profissões, tem sido objecto da curiosidade dos visitantes. Essas figuras humanas, realizadas por processos modernos, lembram pela sua serenidade magnífica, dominante, pela imponencia que os artistas lhes souberam imprimir, aquelas admiráveis estatuas classicas, gregas e romanas, cuja contemplação nos infunde respeito. É a imagem soberana do trabalho que redime e alimenta, que sustem e impelle para o Progresso e para a Civilização a humanidade inteira, que se ergue perante o espectador deslumbrado. É a apolo-gia do esforço, é a dignificação do Trabalho que o Capitalismo dominante remete sempre para plano inferior.

Costuma-se dizer que não ha nada como o dinheiro para ter ami-

gos e nada como o exito para ter admiradores. Poderemos tambem acrescentar que nada como o triunfo para ter adeptos. Triunfante uma tentativa artistica, filosofica ou literaria todo o mundo a adopta para si. Uns, porque, chamada a sua atenção, pelo ruido do sucesso, para a causa victoriosa, com ela sinceramente concordam; a maior parte, porem, adoptam-na, abraçam-na por *snobismo*, por moda. É o que succede com a causa dos trabalhadores. Varias manifestações atestam o triunfo moral alcançado pelos audazes cabouqueiros duma civilização que terá o respeito pelo trabalho produtivo e util como principio fundamental e universal.

Quere queiram, quere não, toda a gente é hoje forçada a tomar conhecimento dos protestos e das reivindicações dos trabalhadores e, por mais que se queiram alhear do conflito, vem-se envolvidos na luta. A questão social é o pezádelo dos ricos e a preocupação dos grandes Estados.

E sobe tão alto o clamor dos reclamantes, é tão justa a sua causa, os acontecimentos conduzem-na tão favoravelmente á sua solução, o seu triunfo mostra-se tão proximo que em volta das novas ideias um largo ambiente de simpatia se estabelece. As ideias socialistas são indiscutivelmente as ideias da moda. E como são moda, muitos por *snobismo* as defendem ou por elas manifestam simpatia. Nota-se esse evolucionismo já em alguns dos nossos



História do Ouro

Estas duas esculturas foram exibidas na Exposição de Buffalo. Na História do Ouro estão alguns mineiros extraindo o mineral enquanto outros o lavam. Na História da Luz—de uma concepção mais subtil—o genio da Inspiração lumina os que trabalham.



Anoitecer

Renovação

N.º 2

escriptores; sente-se, ausculta-se nos cafés e nos centros de conversa. Inumeros factos, de minima importancia, denunciam essa preocupação de mostrar que se vai na corrente das ideias da época. Ainda ha pouco, vimos num *magazine* o retrato de uma senhora, directora duma das nossas publicações de modas femininas, tirado ao lado duma maquina de imprimir.

Aqui ha anos essa directora de jornal teria preferido

fotografar-se para o publico sentada numa secretaria de estylo, rodeada de livraria e de confortaveis *maples*, e a fotografia publicada no *magazine* traria como legenda: *A directora de... no seu gabinete de trabalho.* Hoje, essa senhora desejou retratar-se na officina, rodeada de mecanismos complicados cujo funcionamento possivelmente não percebe. Que sugestões ou influencias teriam atuado a determinar esse desejo? Não é arriscado atribuir-se á influencia das ideias da época. Essa senhora quiz mostrar ser uma mulher moderna, uma mulher do seu tempo. E o tempo que decorre é, na verdade, das reivindicações operarias, é de consagração do trabalhador e de apologia ao Trabalho. Producto dessa sugestão operada pela presciência do triunfo inevitavel da causa socialista é tambem a predileção, que se está notando, dos artistas e dos literatos pelos motivos de Trabalho. Manifestação da in-

telligencia e da sensibilidade, a Arte não podia resistir mais que os costumes á influencia das novas ideias, nem os artistas podiam ser mais refratarios do que os politicos a essa mesma influencia. Demais, dirigindo-se a sua obra á compreensão e ao sentimento dos homens do seu tempo, eles são forçados a falar-lhes dos assuntos que os interessam, os preocupam, os apaixonam. Bordar os mesmos temas que a Revolução russa sepultou, seria escrever para a geração que se finou, e os seus livros não teriam leitores e

os seus quadros ficariam sem compradores. Se outro motivo, pois, os não levasse a modernizar, a actualizar os temas, o proprio interesse pessoal e material a isso os impelleria.

Factores morais, intellectuais e economicos, conjuntamente, impellerão a Arte a aproximar-se do povo, a sentir a sua vida, a traduzir as suas torturas e a gritar os seus clamores. Uma renovação se produzirá muito em breve

nos temas das produções artisticas. Nêles terá o povo o logar que o seculo lhe destina. E o povo é o assunto inédito, o Trabalho é a nova epopeia; procurar no trabalho e no povo o assunto da Arte e da Literatura é encontrar uma Beleza que ainda está por revelar ao mundo em toda a sua plenitude.

E que belo impulso pode dar o artista á revolução em marcha! Retratando o desconforto e a miséria em que vivem os escravos da officina, os enterrados das minas, os forçados dos campos e até os grilhetas das profissões liberaes, êle confrange e revolta. Evidenciando, relevando o esforço do trabalhador, êle enaltece o Trabalho. Cria assim o espirito de justiça e a admiração e o apreço pelo esforço criador.

Mas não basta tornar a Arte sentida e compreendida pelo povo. E' necessario que o artista se aproxime tambem do povo, facilitando-lhe a apreciação dos seus traba-

lhos. E não é nas exposições em salões *chics*, em que o povo não entra por acanhamento, que o artista sentirá o contacto do povo e a sensação inédita de ouvir-lhe os seus comentarios e receber as suas homenagens. As exposições teem que ser feitas em locais mais accessiveis ao povo. Ora a séde dos sindicatos, das universidades populares e até a propria rua são os melhores locais para essas exposições. Só deste modo o artista contribuirá para a educação do povo cumprindo assim a sua função social.



O Cabouqueiro

Esta estátua colossal de bronze a Elwim Drake, na Pensilvania, é uma magnífica concepção em que o escultor soube pôr toda a energia e vigor do pioneiro da industria, simbolizando o monumento esse ideal e não a memória de um h...

O MUNDO CURIOSO

Póde-se provocar a chuva artificial?

A tentativa de intervir nas precipitações atmosféricas, provocando a chuva ou detendo a sua acção, não é nova.

Algumas experiências tem produzido resultados relativamente satisfatórios, como as do fisico Violle, por meio de balões explosivos, disparados contra as nuvens para procurar deslocá-las.

O efeito, porém, da detonação no seio de uma nuvem não está definitivamente caracterizado, por enquanto.

Se a detonação modifica a nuvem ou não, se adianta ou atraza a sua condensação, ninguém póde dizê-lo com segurança, porque ninguém conhece o estado exacto em que se encontra a nuvem sobre a qual se dispara no momento em que se dispara.

Recentemente foi observado um fenómeno estranho: formam-se por vezes nuvens à passagem dos aeroplanos. A explicação é a seguinte: O avião arremessa atrás de si, com os seus gases de escape, *partículas electrizadas negativamente*, que se tornam germens de condensação para o vapor de água ambiente.

Essas partículas electrizadas dão então a impulsão ao fenómeno da condensação.

No intuito de reproduzir esse fenómeno, ou de o acelerar, vários experimentadores americanos subiram ao espaço em aeroplanos lançando sobre as nuvens areia finamente peneirada e fortemente electrizada, obtendo ao que parece resultados.

Mas quantas toneladas de areia seria necessário levar para o espaço para conseguir resultados práticos?

E depois os «germens de condensação» assim apresentados sob a forma grosseira de grãos de areia, não são nada ao pé dos germens que realmente produzem a chuva, que a atmosfera contém aos milhares por centímetro cúbico.

Por enquanto estamos ainda muito longe de obter o desejado *desideratum*.

Ouro obtido pela destilação do mercurio

O professor Miethe, director do laboratorio de quimica da Universidade de Berlim, no correr das suas experiencias descobriu casualmente, fazendo a destilação de cinco quilogramas de mercurio, um grama de um precipitado no qual reconheceu ouro.

Surpreendido com o resultado que não entrava nas suas cogitações, recommençou as suas experiencias com mercurio previamente submetido à análise no sentido de verificar que não continha ouro, confirmando-se plenamente o primeiro resultado.

Só conseguiu, no entanto, obter o precioso metal com a pressão de uma voltagem electrica muito elevada.

Chama o sábio Miethe a atenção da sciencia para o

seguinte: se se juntar ao peso atomico do ouro, que é 197, o do helium, 4, ou 4 vezes o do hidrogénio, 1, obtém-se o do mercurio, 201, e nestes algarismos se encontra talvez a possibilidade de uma explicação dos resultados tangíveis da sua experiencia.

A descoberta da pedra filosofal não trará a menor repercussão politica nem económica ao mundo; o custo de uma parcela de ouro obtida pelo processo em questão seria absolutamente fabuloso.

Uma vitória feminina

Depois dumas experiencias realizadas na *gare* de S. Pancrácio, em Londres, resolveu-se recorrer a mulheres para anunciar, por intermédio dos *haut-paleurs*, o destino dos comboios prontos a partir.

Com efeito, constatou-se que a voz das mulheres, embora menos intensa, era mais clara que a dos homens.

Em França, pensou-se tambem em adoptar medida idêntica, e outros paizes decerto seguirão o exemplo.

A voz feminina venceu a masculina nessa espécie de concurso realizado em Londres; e, embora seja restricto o campo de acção que essa vitória concedeu à vencedora, é de prever que elle se desenvolva noutros sentidos, permitindo à mulher, desde já, exercer a sua actividade em mais um ramo de trabalho, - o que traz a independência de muitas centenas de meninas que desejam ou precisam ganhar o pão com o próprio esforço.

Artistas e coleccionadores

Morreu, há tempos, em Paris, o pintor Steinlen. Era um artista boémio, um artista de Montmartre, - e no Moulin de la Galette, no *cabaret* do Gato Preto, há *frescos* dele que são maravilhas de côr.

Foi um esplêndido decorador, um ilustrador delicioso, que Anatole France admirava e finha como amigo dos mais queridos.

Steinlen viveu pobre e pobre morreu. Os seus quadros e os móveis do seu «atelier» foram leiloados há dias. Os quadros não atingiram altos preços.

Dois, três mil francos, o máximo, produziram uns cem mil francos, ao todo. Mas um prato oriental, - persa, ao que parece, - foi comprado por 130.000 francos!

Cento e trinta mil francos! Steinlen, que não era rico, como dissemos, comprara-o por alguns tostões, há vinte ou trinta anos. Mas era um artista, um verdadeiro artista, e tinha bom gosto. E viveu toda a vida pobremente, guardando, só para regalo voluptuoso dos seus olhos, um objecto que milionários disputaram a pêsso de ouro.

E' uma bela lição. A maioria dos amadores, dispondo de dinheiro a ródos, adquirem aqui e ali objectos por somas fabulosas; mas jámais lhes consagra o amor, o carinhoso desvelo que o artista pobre tem por aquilo que adquiriu, sacrificando o próprio almoço ao prazer quasi infantil de possuí-lo.

Um príncipe «escroc»

Foi prêso há dias em Paris o príncipe egípcio Moamede Sabit Bey, que é acusado de numerosas escroquerias e abusos de confiança. Em cada viagem que fazia a Paris, comprava a crédito automóveis e joias que, em vez de pagar, revendia.

Sabit Bey, que se divorciou quinze dias depois do casamento, chegara ha pouco de Bruxelas e em dois ou três dias arranjava meios de adquirir 300.000 francos, em vários «golpes» bem preparados.

Mais uma vez se prova que é na denominada *sociéda-de alta* que se registam os melhores *exemplos*...

Longa prática

Conta-se a seguinte anedota dum conhecido ensenador:

Em ensaio geral, gritou uma vez a uma atriz já bastante adeantada em anos:

— Não é assim! A senhora não sabe subir uma escada!

— Senhor, há trinta e dois anos que habito um quintão andar, — redarguiu imediatamente a dama.

Pois há pouco um *metteur-en-scène* que ia preparar a filmagem duma scena de naufrágio, quando estava a explicar a um dos actores o jôgo fisionómico preciso, foi interrompido pelo artista que lhe disse:

— Bem sei, bem sei. Já naufraguei duas vezes.

O retrato de Emilio Zola

A viuva de Emilio Zola, morta há algumas semanas, deixou ao muéu do Louvre um legado valiosíssimo: — o retrato do glorioso romancista de *La Débacle*, por Manet, que é considerado uma das obras primas do grande pintor, e pelo qual um americano ofereceu há tempos a bonita sôma de 100.000 *dollars*.

Um retrato a pastel de Madame Zola, também por Manet, e o *Christ aux anges*, a única aguarela que se conhece do pintor de *Olympia*, completam êsse legado de excepcional valor artístico.

Um profeta de quatro anos!...

A idade dos prodígios não passou ainda; ou, melhor, a credulidade humana, para lhe não chamar outra coisa mais dura, é ainda um facto.

Senão, vejam o que diz uma local inserta há dias num dos grandes diários parisienses:

«Uma criança de quatro anos, filha duns pobres cultivadores do delta de Yrramaddi, está sendo considerado pelas populações das margens do Indo como uma reencarnação de Budha. O prodigiosinho, que se chama Tun Kyine, atrai centenas de peregrinos à sua morada, que ali o vão adorar.

«Há dias, pronunciou um discurso diante duma multidão considerável de crentes. O jôvem profeta falou durante mais de duas horas e foi religiosamente escutado.

«No físico, Tun Kyine não difere das outras crianças da sua idade e gosta tanto de brincar como as outras; mas, assim que se vê diante dum auditório, fala como se

fôsse um orador consumado, com muita erudição e sem uma única hesitação. Lê os dialectos sagrados à primeira vista e tradu-los com a maior facilidade na linguagem vulgar.»

Gostávamos, na verdade, de ouvir este Budha do século XX que lê sânscrito e discursa duas horas a fio, como um parlamentar da opposição em dia de apresentação do govêrno. Mas um diabo mau vem junto de nós segredar-nos que *aquilo* não passa dum *canard* jornalístico, ou é então um excelente negocio para os pais do meudo...

...Sabe-se que os peregrinos nunca vão positivamente de «mãos a abanar», e se eles são às centenas...

A auscultação pelo telefone

O dr. Lutembacher, da Academia de Medicina de Paris e célebre especialista em doenças do coração, acaba de realizar experiências de resultados definitivos de auscultação a distância, por meio do telefone ou da telegrafia sem fios.

A mecânica da teleauscultação consta de um microfone especial aplicado ao peito do doente, com nota de ressonância extremamente baixa; um amplificador de lampadas intensificando os ruídos; à chegada, escutadores de alta precisão.

De cigarreiro a artista lirico

O celebre tenor Ettore Bergamoschi, filho de um creado de restaurante, era aos 16 anos cigarreiro, em uma fabrica de Bolonha, sua patria. Todos quantos o ouviam cantar o aconselhavam a que seguisse a carreira musical, mas como ganhava trez liras por dia, como tomar um professor?

Resolveu apresentar-se ao maestro Bellini, que o acolheu e ensinou gratuitamente.

Como os seus progressos fossem grandes, o empresario de um velho barracão convidou-o para cantar, oferecendo-lhe 10 liras. E' claro que Bellini, indignado, pô-lo fóra das suas aulas, com o que não desanimou, indo apresentar-se ao maestro aristocrata Ruzzn, com o qual concluiu os estudos de que carecia.

O Sindicalismo nos Estados Unidos

Todas as pessoas que teem estudado a organização dos sindicatos nos Estados Unidos, constataam admirados a fraqueza numerica dessas corporações. E o caso é realmente estranhavel por ser aquele o país mais intensa-mente industrial do mundo.

As últimas estatísticas fornecidas pela B. I. T. indicam em todo o caso uma enorme progressão dos efectivos sindicais de 1910 a 1920.

Em 1910 a percentagem dos trabalhadores para as diferentes industrias e profissões era:

Extração de mineraes 27,3; industrias manufacteiras 11,6; transportes, 17,1; Navios, 16,4; Mecanicos, não compreendendo os de caminhos de ferro, 4,6; Bombeiros, 9,6; Comercio, 1,0; trabalhadores intellectuaes, 4,6; Empregados, 1,8; Domesticos, 2,0; Serviços publicos, 2,5.

Em 1920, respectivamente:

41,0; 23,2; 37,3; 25,5; 12,4; 19,9; 1,1; 5,4; 8,3; 3,8 e 7,3.

NÃO MATARÁS!



O alto do Sinai a voz de Javeh rugiu: — Não matarás!

E o homem sua criação suprema, feita à sua imagem e semelhança, obstina-se, tortura-se, sublima-se, criando, aperfeiçoando as mil e uma maneiras de matar.

Não matarás! — diz o senhor deus dos exercitos e faz parar o sol para que Josué acabe de destroçar as hostes de Adonisadeck!

Não matarás! — diz a «religião de bondade», a quem Torquemada serviu mandando para a fogueira milhares de pessoas!

Não matarás! — proíbem os códigos, que fixam todavia o ritual da pena de morte!

Não matarás... mas desde o fundo das idades que a principal preocupação do animal humano foi — matar. Lascando pacientemente o sílex nas cavernas ou arrancando com pertinácia os ramos das arvores, até que eles saíssem aguçados, o homem primitivo procurava só instrumentos de morte.

Os metais vieram servir à maravilha os



Atirar bombas? horrível crime



Fuzilar? Acto meritorio

seus designios e ainda hoje são êles que triunfam na morte. O machado, a lança, a massa serviram primeiro ao sinistro culto. Depois aperfeiçoaram-se. Foram montante e adaga; acha de armas e punhal; sabre recurvo no Oriente, espada preta no Ocidente; navalha nas vielas, estilete nos harens; arcabuz e revolver, columbrina e metralhadora; granada e bomba.

Como não bastassem os metais, inventou-se a cruz e a forca; o cordão de seda que estrangula e o veneno que se instila nas veias.

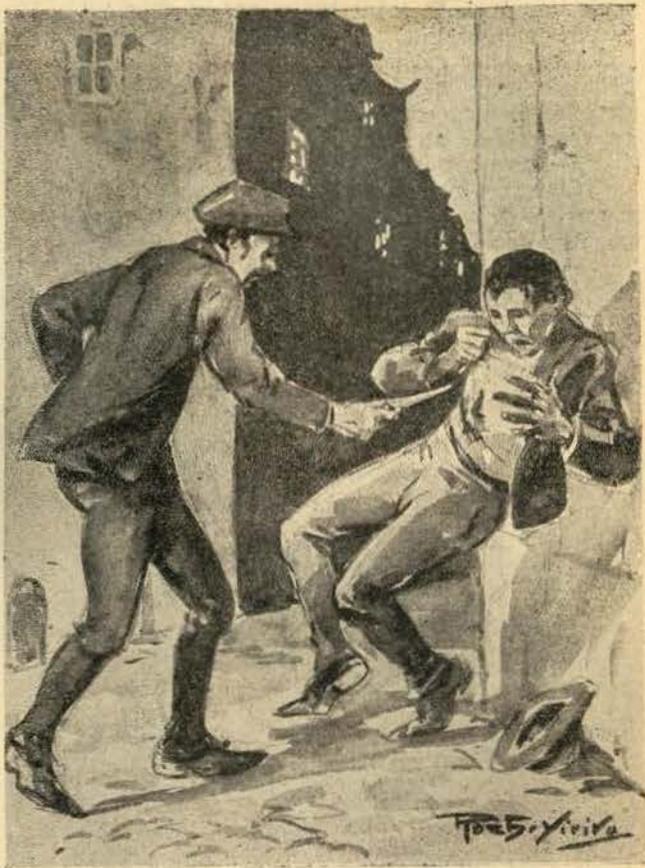
Os instrumentos de morte evoluíram com a civilização; a sciencia enriqueceu-os com os seus segredos e a ultima palavra na «arte de bem matar» é essa cadeira electrica famosa, com que a livre América despacha para o outro mundo aqueles que não lhe convem nêste. A

ultima palavra, não, que essa di-la ainda o estilete que o médico, que assiste às electrocuções, introduz no coração da vítima, espécie de golpe de misericórdia legal.

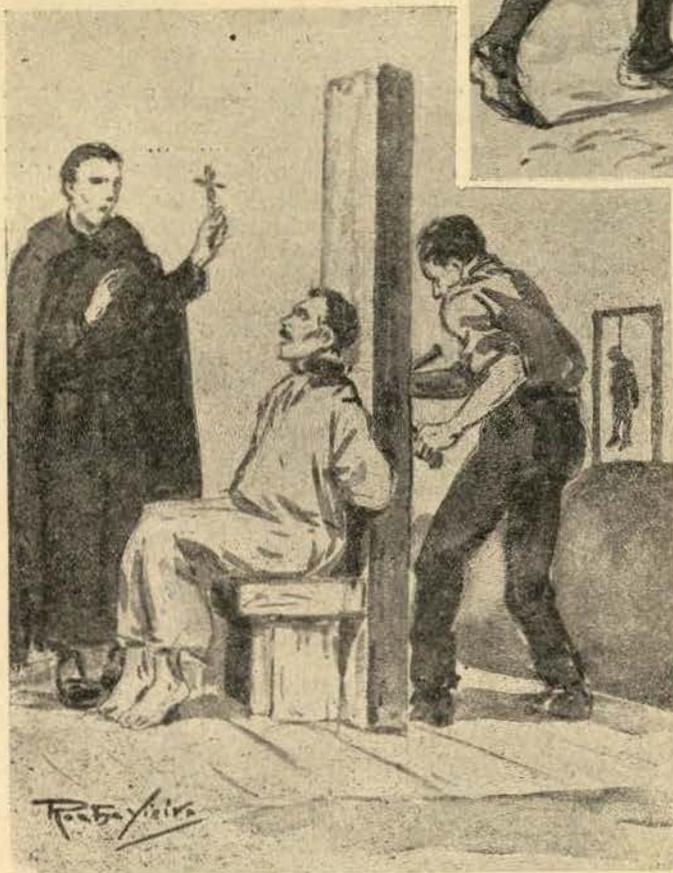
Há géneros de morte preferidos, consoante as religiões, as épocas e os países. Assim a «Santa religião católica» optava ultimamente pela fogueira... para que não houvesse derramamento de sangue; a Renascença tinha uma especial predilecção pelos venenos; e a França dos «direitos do Homem», dá-se muito bem com a guilhotina.

Se a desordem dispõe da faca, da pistola, da bomba, a Ordem possui uma riqueza enorme de instrumentos de morte: a cruz, a forca, o garrote, a guilhotina, a cadeira electrica, as espingardas dos pelotões de execução, para os assassinatos individuais; os canhões, as metralhadoras, as carabinas, os gazes asfixiantes para as execuções em massa.

O ritual da morte violenta varia



A navalha — Arma infame usada pelos... bandidos



O garrote e a forca — Instrumentos de morte legalmente adoptados e santificados pela Religião

infinitamente; desde o simples estrangulamento em que as mãos do assassino com ligeiro esforço tiram a vida ás vitimas, até aos grandes julgamentos em que os assassinos se chamam juizes e rodeiam das mais complicadas formulas e cerimónias essa operação, para elles banal, de matar. Desde o médico que se engana numa droga ou se precipita numa operação e faz desaparecer um pobre ser vivo, até ao Estado que fazendo a guerra consegue, com método e sciencia, matar milhões de pessoas em poucos dias.

A Igreja proibe que se mate, mas faz a Cruzada dos Albingenses, concorda com a morte dos últimos templários, aprova a Saint-Barthlémy, abençoa o punhal de Ravaillac e faz Pedro de Arbués, o inquisidor, santo. O Estado inscreve nos seus códigos castigos para os que matam, mas crucifica Cristo, por revolucio-

Então o Bernardo, com os cotovelos apoiados sobre a meza e a cabeça entre as mãos, revelava em fragmentos a sua espantosa tortura num frenesi de justificação.

— O que eu sofro e o que se diz de mim! Só queria poder explicar a toda esta gente aquilo que me rói por dentro. Tenho dias que penso taes coisas que a minha vontade era deitar-me ao rio, era desaparecer, fugir para bem longe, onde pudesse esquecer a vida que aqui levamos. Mas para onde ir? Para onde?...

Subia-lhe do peito convulso uma terrível expressão de revolta, uma irreprimível vontade de traduzir em gestos de uma violencia desordenada, feroz, toda a sua queixa contra uma oculta perseguição, contra um ignorado peso que o esmagava, e logo se amansava, concordando com a melancolica passividade da mulher que lhe recordava ser a cave a melhor habitação que até então haviam possuido.

Fugir da cave, — dizia ela — era continuar a dolorosa peregrinação dos vãos de escada, corridos de toda a gente como salteadores. Para onde queria ele ir afinal?

Depois, a cave era escura, e isso tinha vantagens. A escuridão ocultava aos olhos dos outros a sua grande miseria. O vão de escada sempre era mais claro, mas na passagem para os andares, toda a gente ficaria sabendo os dias em que eles quasi não tinham que comer e se alimentavam com os restos que os cães não eram capazes de tragar.

O Bernardo escutava a mulher com uma enorme tristeza em que era visível a saudade duma vida menos cruel.

— Se nós pudessemos deixar a cave... Como tudo isto mudava...

Enternecida, ela pensava nos filhos, na necessidade de fundar verdadeiramente o lar, e supondo continuar o pensamento do marido arriscava:

— Se nós pudessemos sair da cave, até os nossos filhos escusavam de fazer a vista que estão fazendo.

— A culpa é tua! — gritou-lhe ele, asperamente.

Quando se falava nos filhos a sua ternura exacerbava-se até á insolencia. Ferida no seu amor pelos filhos, ela retorquiu, agora que falavam com relativa calma.

— A culpa é só tua... Tu não podes cuidar deles, e só queres te-los ao pé de ti para os castigar.

— Pois eu não hei-de castigar aqueles grandes tratantes... Se cá os apanho, racho-os dalto abaixo... Não me digas mais nada... Não sei explicar porque é que acodes tanto por eles... Só gostava de saber...

— Tenho pena deles...

— E eu não tenho, tambem?

— Tu só queres é maltrata-los.

— Quero educa-los...

Por momentos ela calava-se vencida; depois insistia:

— Não podemos... Eles aqui morriam, coitadinhos. Deixa-os lá... bem basta o que eles passam, quanto mais ainda virem para casa só para o pae lhes bater...

— Cala-te... Tu é que tens a culpa.

— Não me calo... A culpa é tua. Eu não posso ver os meus filhos maltratados, não posso...

Não acabou, porque ele saltara sobre ela aos muros como sempre, só parando quando em cima, á entrada da porta, a voz do velho grasnou:

— Muito bem... Muito bem... Mesmo sem eu cá estar, vocês cumprem a sua obrigação... Ora assim é que eu os quero ver...

Maligno, astuto, depressa se inteirou do que se passara. A mulher do Bernardo, mostrando um rosto sem lagrimas, revelava que a submissão não a prostrava e que retorquiria ao marido, lutando tambem.

Agourento, experiente, o velho compreendeu que o casal já não altercava por tendencia, por instintiva brutalidade, por tradição, como nos outros lares. Os dois guerream por uma preocupação, por um desejo contradictorio, que dia a dia mais os dominava, e então pronunciou com tristeza e azedume:

— Vocês embirraram que hão de ser desgraçados por causa dos filhos, e ninguem os arranca d'af. Vão ver onde tudo isso vae parar... Quantas vezes tenho dito que nós não nascemos para estas coisas. Homem, agora falo sério.

*Nós já nascemos com o caminho traçado. Esse caminho é aquele que tu vês á frente dos outros. Beber e trabalhar... Sempre que saíamos disto, caímos sempre na desgraça. Quando eu andava a bordo, havia lá um pandego com umas idéas iguais ás tuas. O grande palerma era chegaro. Tambem como nós, vivia numa cova negra, aberta nas entranhas do navio... O grande animal tambem não se conformava... A's vezes chorava, pondo-se a pensar na vida que os outros levam. Acabou por se atirar ao mar... depois de querer dar cabo do imediato... Este caso não serviu de lição a outros grandes tansos que faziam parte da tripulação. Dois deles desafiavam-me para abandonar a *nossa vida*. O que eles chamavam a *nossa vida* era um *negociosinho* em que andavam metidos, havendo sempre dinheiro para gosar a vida, a ponto de não haver tempo para medir razões. Um dia caí na asneira de lhes dar ouvidos... Pronto. O mais honesto tornou-se suspeito, ficou preso num porto, e parece-me que morreu de fome em Cabo Verde... Pela minha parte entrei na cadeia, porque tinha de ser assim. Nós não podemos sair disto, senão para a cadeia ou para a *morgue*.

O Bernardo chorava... A mulher sentada num baú, olhava apavorada as paredes como se temesse ver as sombras precisarem-se em figuras corporeas que os arremessassem a todos para um fim tragico, inevitavel...

Como um piar de coruja, a voz do velho repetia:

— Vão andando assim e vão ver onde vão parar...

Como que regulada pelas ameaças do velho, uma força misteriosa acumulava sobre a existencia do Bernardo um amontoado de desastres de muito mau agouro.

O José Bernardo era carregador. Trabalhava no porto, perdido no marulhar das vozes e rangidos metallicos das grandes descargas, em que pesados monstros de ferro reduzem á insignificancia o penoso esforço dum formigueiro humano. Toneladas de substancias alimentares feriam-lhe as costas, esmagando-o com o seu peso brutal.

Os companheiros de trabalho entraram a ver o José Bernardo taciturno, carregando a sacaria com um inquietante automatismo.

A sua tarefa salientava-se por uma furia de trabalho em que mostrava um orgulho triste, raivoso, na maneira de arrancar os fardos e atira-los para o fundo do porão.

O capataz olhava-o com receio. Habituaado a domesticar a virilidade animal de muitos desgraçados, ele sabia bem como a furia de trabalho é uma forma violenta de embriaguez, é o desejo desesperado de esmagar a dor com a fadiga exagerada. O seu olhar experimentado temia os homens silenciosos e bruscamente activos. Este automatismo na tarefa era o alarme duma proxima fuga, era o sintoma infalivel duma perigosa obsessão. Quasi sempre os miseraveis que revelavam a existencia de pensamentos reservados, explodiam em impulsos invenciveis em que matavam um companheiro, desertavam para outros continentes escondidos nos porões, ou descarrilavam vítimados pelo alcool, atirando-se para a vadiagem suspeita pelas pralas e mercados... Tentou salvar o

Bernardo do perigo, e iniciou uma perseguição odiosa, continua sobre ele, no intuito de o desgostar no trabalho e faze-lo abrandar a violencia da tarefa.

(Conclue no proximo numero)

A TODAS AS PESSOAS A QUEM
ENVIAMOS O PRESENTE NUME-
RO DE **RENOVAÇÃO** E QUE A
NÃO QUEIRAM ASSINAR PEDI-
MOS O FAVOR DE A DEVOLVER
IMEDIATAMENTE; E ÀQUELAS A
QUEM ENVIAMOS O 1.º NUMERO
E O NÃO DEVOLVERAM ATÉ ESTA
DATA, PREVENIMOS QUE VAMOS
ENVIAR Á COBRANÇA O RECIBO
DO 1.º TRIMESTRE, NA IMPORTAN-
□ □ CIA DE NOVE ESCUDOS □ □

Renovação

REVISTA GRAFICA

DE

NOVOS HORIZONTES SOCIAIS

Arte, Literatura e Actualidades

Aparece em 1 e 15 de cada mês

Condições de assinatura:

Portugal e Espanha

3 meses	9\$00
6 "	18\$00
Ano	36\$00

Exterior

6 meses	21\$00
Ano	43\$00
Numero solto	1\$50

ANUNCIOS

No interior e ultima pagina da capa, ilustrados e a côres, preços convencionais com a

ADMINISTRAÇÃO

Calçada do Combro, 38-A — LISBOA

A TODAS AS PESSOAS A QUEM
ENVIAMOS O PRESENTE NUME-
RO DE **RENOVAÇÃO** E QUE A
NÃO QUEIRAM ASSINAR PEDI-
MOS O FAVOR DE A DEVOLVER
IMEDIATAMENTE; E ÀQUELAS A
QUEM ENVIAMOS O 1.º NUMERO
E O NÃO DEVOLVERAM ATÉ ESTA
DATA, PREVENIMOS QUE VAMOS
ENVIAR À COBRANÇA O RECIBO
DO 1.º TRIMESTRE, NA IMPORTAN-
□ □ CIA DE NOVE ESCUDOS □ □

Renovação

REVISTA GRAFICA

DE

NOVOS HORIZONTES SOCIAIS

Arte, Literatura e Actualidades

Aparece em 1 e 15 de cada mês

Condições de assinatura:

Portugal e Espanha

3 meses	9\$00
6	18\$00
Ano	36\$00

Exterior

6 meses	21\$00
Ano	43\$00
Numero solto	1\$50

ANUNCIOS

No interior e ultima pagina da capa, ilustrados e a
côres, preços convencionais com a

ADMINISTRAÇÃO

Calçada do Combro, 38 - A - LISBOA